

## **Primo Levi, um narrador do inenarrável**

Primo Levi, a Narrator of the Unspeakable

Roberto Círio Nogueira\*

**Resumo:** Estudo do conto "O retorno de Lorenzo", de Primo Levi, com base nas considerações de Walter Benjamin a propósito do narrador. Trata-se de um ensaio de classificação do narrador deste conto, o qual lida com a tarefa paradoxal de relatar a vivência incommunicável dos campos de concentração. Questiona-se se linguagem referencial, empregada pelo autor com certa quantidade de terminologia técnica, é pertinente a uma obra de testemunho e se o ensinamento moral que o conto transmite faz renascer as ações da experiência após a decadência das mesmas ter chegado ao extremo, em Auschwitz.

**Palavras-chave:** Primo Levi. Walter Benjamin. Narrador. Testemunho.

**Abstract:** A study of "O retorno de Lorenzo", a short story by Primo Levi, based in Walter Benjamin's considerations about the narrator. It's an essay of classification of the narrator of this story, who works with the paradoxical task to tell the incommunicable experience of the concentration camps. It's questioned if the referential language, employed for the author with certain amount of technical terminology, is pertinent to a certification work and if the moral teaching that the story transmits makes to be reborn the actions of the experience after the decay of the same to have fond of the extremity, in Auschwitz.

**Keywords:** Primo Levi. Walter Benjamin. Narrator. Testimony.

### **Introdução**

Em sua 18ª conferência introdutória sobre psicanálise, proferida em 1916 ou 17, Freud afirma que a incidência dos casos de neurose traumática expandira-se notoriamente com o advento da Primeira Guerra Mundial. Essa moléstia – que antes da guerra já acometia sobreviventes de outras fatalidades, tais como as colisões de trens que o psicanalista menciona – decorre de "uma experiência que, em curto período de tempo, aporta à mente um acréscimo de estímulo excessivamente poderoso para ser manejado ou elaborado de maneira normal" (FREUD, 1976, p. 325). Em outras palavras, trata-se de uma experiência que excede nossos limites cognitivos, tornando-se, assim, impossível de ser relatada a outrem de forma clara, objetiva e coerente.

Tal fenômeno também é abordado por Walter Benjamin em "Experiência e pobreza", ensaio de 1933, no qual teoriza sobre o desaparecimento das práticas de transmissão da experiência plena, autêntica, através das quais os mais velhos ensinavam aos mais jovens a sabedoria adquirida ao longo da vida. Aquisição que resultava não só da própria experiência de vida desses sábios anciãos, mas também da experiência que seus antepassados lhes haviam transmitido em diversas formas de narrativa oral. O ápice do processo de extinção dessas práticas, segundo Benjamin, aconteceu durante a Primeira Guerra, cujos sobreviventes retornaram "mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes [a 1918] não continham experiências transmissíveis de boca em boca." (BENJAMIN, 1994, p. 115). Isso porque, ao contrário dos conflitos que outrora inspiraram textos épicos em louvor a seus heróis, a experiência da guerra de trincheiras é um horror fora dos padrões de narratividade, tanto da tradição oral (BENJAMIN) quanto da tradição romanesca (ADORNO, 2003).

A decadência dessas ações da experiência, contudo, não é um fenômeno congênito à guerra mundial. "Não, o fenômeno não é estranho", já o dissera Benjamin em 1933, reconhecendo que "uma nova forma

de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem" (BENJAMIN, 1994, p. 115). É, portanto, a industrialização dos meios produtivos vinculada aos interesses do capital, como Marx e Engels já haviam notado num sentido mais amplo, que desmancha no ar tudo aquilo que havia de mais sólido na época de nossos antepassados, inclusive a autoridade da experiência. Fenômeno considerado por Hobsbawn (1995, p. 24) como a transformação mais perturbadora ocorrida durante o breve século XX: "a desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano, e com ela, aliás, a quebra dos elos entre as gerações, quer dizer, entre passado e presente". Este rompimento configura a sociedade contemporânea, "formada por um conjunto de indivíduos egocentros sem outra conexão entre si, em busca apenas da própria satisfação (o lucro, o prazer ou seja lá o que for), [que] estava sempre implícita na teoria capitalista" (BENJAMIN, p. 25). Desfaz-se assim a comunidade de ouvintes que sustentava a narrativa tradicional, fundada na transmissão da experiência.

Tendo em vista esse vínculo orgânico entre experiência e narratividade, pretendo analisar neste ensaio o narrador do conto "O retorno de Lorenzo", de Primo Levi, enfocando a situação paradoxal do sujeito que precisa narrar o inenarrável. Tal objeto de estudo apresenta desafios difíceis de serem superados nos limites desse trabalho. Daí a recorrência de indagações e descontinuidades argumentativas ao longo do texto, que assim se configura – mais que uma pretenciosa interpretação exaustiva e totalizante – um trabalho em progresso, ainda em etapa embrionária e inconclusa.

## 1 Considerações sobre o narrador Primo Levi

Em seu ensaio de 1936, sobre o narrador, Benjamin retoma a questão da pobreza de experiência afirmando que os antigos contadores de história da tradição oral eram cada vez mais raros naquela época. O desaparecimento destas figuras tornou-se manifesto após a Primeira Guerra Mundial e não estancou por aí. Anos mais tarde, esta tese seria corroborada por Primo Levi, na seguinte declaração (citada por HOBBSAWN, 1995, p. 11): "Nós, que sobrevivemos aos Campos, não somos verdadeiras testemunhas. [...] Somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, jamais tocaram o fundo. Os que tocaram [...] não voltaram, ou voltaram sem palavras".

De acordo com Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 406), Benjamin pode ser considerado, paradoxalmente, o principal teórico sobre o testemunho da *Shoah*, por ter vivido "*avant la lettre* as 'experiências' pelas quais a humanidade passou na Segunda Guerra".<sup>1</sup> Em outras palavras, eu diria que "[Benjamin] orientou suas investigações de forma a dar-lhes valor de prognósticos" (BENJAMIN, 1994, p. 165), conforme ele mesmo disse a respeito de Marx e sua análise do capitalismo. Afinal, no referido ensaio de 1936, Benjamin já chamara a atenção para o fato de que "as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo" (Ibidem, p. 198, grifo nosso). Em termos mais enfáticos, ele asseverou que "o dia que se aproxima pode trazer aniquilações [*Vernichtungen*] de uma escala tão gigantesca que nós nos veremos separados como que por séculos dos textos e produções de ontem" (BENJAMIN, 1972, p. 540, citado por SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 396). Este dia chegou junto com cerca de dois mil campos de concentração e trabalhos forçados que funcionaram na Alemanha e nos países ocupados durante o Terceiro Reich (CYTRYNOWICZ, 1995, p. 150).

Sendo assim, a teoria benjaminiana sobre o testemunho da catástrofe se apresenta muito produtiva para uma análise da prosa de Primo Levi, um dos mais respeitados escritores que sobreviveram à *Shoah* e se empenharam em relatar seus horrores. Mas, com base em nosso suporte teórico, seria possível descrever Levi como um narrador, posto que ele voltou de Auschwitz sem palavras, ou seja, mais pobre em experiência comunicável?

Para Benjamin, o narrador tradicional, o bom contador de histórias, é sempre alguém que tem algo de especial a dizer, algo que contenha "uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida" (BENJAMIN, 1994, p. 200). Trata-se de um saber adquirido com base na experiência, tanto individual quanto coletiva, que é transmitido de boca em boca, de geração a geração.

Uma série de interpretações, tanto acadêmicas quanto editoriais, qualificam Levi como narrador semelhante ao contador de histórias ao qual Benjamin se reporta. Márcio Seligmann-Silva (2005, p. 78) menciona uma declaração do próprio Levi, reproduzida na biografia do autor escrita por Myriam Anissimov, segundo a qual ele "provavelmente nunca teria escrito se [...] não tivesse essa experiência para contar". Consta também em pequena nota biográfica sobre o autor, ao final da coletânea *71 contos de Primo Levi*, que este italiano "narrou sua experiência em vários livros premiados" (em LEVI, 2005, p. 523). No prefácio desta mesma edição, seu tradutor Maurício Dias adere à interpretação do crítico Cesare Segre, segundo a qual Levi desejou "narrar a experiência inacreditável do Lager [...] como uma missão" (DIAS, em LEVI, 2005, p. 14), pois "cabia ao escritor e a seus leitores não esquecer a história para que massacres como aquele não se repetissem nunca mais. Em outras palavras, o que estava implícito no livro de estréia [*É isto um homem?*] é que ainda era possível aprender com a história e, a partir desse aprendizado, buscar o melhor caminho e reencontrar "*la diritta via*" (DIAS em LEVI, p. 13).

Diante deste conjunto de opiniões, seria plausível considerar que Levi foi ao inferno e voltou, trazendo-nos uma experiência comunicável de lá? Ou ele deveria ter voltado sem palavras, menos rico em experiências comunicáveis, como os soldados sobreviventes da Primeira Guerra? Estas são perguntas para as quais talvez não haja uma resposta exata e consensual, mas nem por isso devemos deixar de ensaiar algumas hipóteses de entendimento.

Narrar o horror implica não só a possibilidade de dar forma estética a uma catástrofe, qualquer que seja, mas também revela um compromisso ético em não esquecer a história para que ela não se repita. A relação entre ética e estética ora convoca o conceito de literatura de testemunho, cujo dilema pode ser entendido como o impasse do narrador no romance contemporâneo, nos termos de ADORNO (2003, p. 55): "não se pode mais narrar, embora a forma do romance exija a narração". Em termos benjaminianos, ele afirma que "O que se desintegrou foi a identidade da experiência, a vida articulada e em si mesma contínua, que só a postura do narrador permite. Basta perceber o quanto é impossível, para alguém que tenha participado da guerra, narrar essa experiência como antes uma pessoa costumava contar suas aventuras" (ADORNO, p. 56).

Se o narrador sobrevivente dos combates ou dos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial é incapaz de apreender, elaborar e conferir sentido a essa *vivência*, que tipo de narrador é o do conto "O retorno de Lorenzo", no qual Levi relata o exemplo de fraternidade do sujeito que o ajudou a sobreviver a Auschwitz?

## **2 O problema da linguagem técnica e referencial**

O conto narra a história de Lorenzo, um pedreiro italiano que trabalhava na França e, como todos os italianos que estavam por lá quando a guerra eclodiu, foi confinado até a chegada dos alemães. A empresa para a qual trabalhava foi então reconstituída e seus empregados transferidos para a Alemanha e de lá para Auschwitz, onde foi trabalhar na construção de barreiras de proteção para o maquinário do complexo industrial de Buna-Werke. Levi tornou-se seu auxiliar e assim relata uma de suas tarefas:

O muro que [Lorenzo e outro pedreiro] estavam levantando já estava alto, e eles trabalhavam sobre andaimes. Eu ficava no chão e esperava que alguém me dissesse o que fazer; os dois colocavam tijolos de um fôlego só, sem falar, e por isso não notei de início que eram italianos. Depois um deles, alto, um tanto curvo, grisalho, me disse em péssimo alemão que a argamassa estava acabando e que eu devia levar o balde para cima. Um balde cheio de cimento é bem pesado e, se não for carregado pela alça, fica batendo nas pernas; é preciso içá-lo sobre um ombro, mas isso não é fácil. Os ajudantes espertos fazem o seguinte: alargam as pernas, pegam a alça com as duas mãos, erguem o balde e o fazem o oscilar para trás, isto é, entre as próprias pernas; aproveitando então o impulso pendular, arremessam o peso para frente e o fazem subir num arranque até o ombro. Tentei, mas com resultados miseráveis: o impulso não foi suficiente e o balde caiu no chão, espalhando metade da argamassa (LEVI, 2005, p. 387).

A passagem é redigida com clareza e objetividade dignas de um relatório, técnica e metodologicamente detalhado. A sugestão do real é nítida e se presta a fins de compreensão lógica, racional. A linguagem empregada, que prima pela precisão, é referencial – aspecto reforçado ainda pela simbiose entre autor, narrador e personagem – e não há indícios de sensibilidade aos sofrimentos causados pelo regime de trabalho forçado. Se deslocássemos o trecho de seu contexto de produção não nos daríamos conta de que estes sujeitos trabalhavam sob ameaça constante de morte.

Quando o narrador anuncia que irá dizer o que fazem os ajudantes espertos, ele fala ao leitor como se fosse lhe dar um conselho. Isto é, sem dúvida, um ensinamento retirado da experiência de uma coletividade, o que remete ao senso prático que Benjamin (1994, p. 200) considera uma das características de muitos narradores natos. Mais tipicamente que em Leskov, encontramos esse atributo num Gotthelf, que dá conselhos de agronomia a seus camponeses [...] e num Hebel, que transmite a seus leitores pequenas informações científicas em seu *Schatzkästlein* (*Caixa de tesouros*).

A instrução de como se deve içar um balde pesado acima dos ombros se configura como um conselho (embasado em noções de física) dirigido aos trabalhadores da construção civil. Se este conselho aproxima Primo Levi dos antigos contadores de história, a linguagem referencial que o transmite lembra-nos um estilo que muitos estudiosos da literatura de testemunho julgam bastante distinto da prosa testemunhal. Pergunto-me se Primo Levi não estaria recorrendo, conscientemente ou não, nesse seu conto, ao realismo formal (WATT, 1990), fazendo com que seu relato produza a impressão de uma percepção plena da realidade na qual estava inserido.

Talvez o exercício crítico realizado com tantas releituras de "O retorno de Lorenzo" esteja me fazendo esquecer o *choqueda* primeira vista. Mas tenho a impressão, e estou falando especificamente deste conto, de que Primo Levi compõe um narrador que apreende sua experiência com uma clarividência incomum a outras obras testemunhais. Não é o caso de esmiuçá-las aqui, mas se tomarmos, por exemplo, *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós, e alguns contos de Caio Fernando Abreu, como "Lixo e purpurina" e "Garopaba, *mon amour*", observaremos nestes textos narradores incapazes de dar uma forma objetiva e coerente à situação limite em que se encontram. Tais narradores não conseguem extrair da vivência aniquiladora da repressão ditatorial algum conselho ou ensinamento moral, algo que – creio eu – Primo Levi faz com certa maestria em "O retorno de Lorenzo".

Há um teor de moralidade na narrativa, contada com serenidade, mesmo nas situações mais extremas. Como na passagem – à página 390 – em que Levi diz ter recebido a "marmita torta e amassada" com a sopa suja de terra e pedrinhas, porque "naquela manhã, enquanto [Lorenzo] fazia a ronda e recolhia os restos, o seu campo sofrera uma incursão aérea. Uma bomba caiu perto dele, explodindo na terra fofa;

os escombros encobriram a marmita e lhe perfuraram um tímpano, mas ele tinha uma sopa a entregar e foi igualmente ao trabalho" (LEVI, 2005, p. 391). Lorenzo é descrito como alguém tão conformado a maus tratos que nem mesmo uma explosão, que poderia ter-lhe tirado a vida, o desvia de sua rotina. Não seria cabível repetir aqui a questão central de Primo Levi, *é isto um homem?* Onde estaria a humanidade dessas pessoas que lidam com eventos tão extremos como se fossem parte do cotidiano normal da vida?

Sem a pretensão de conceder uma resposta a estas perguntas, gostaria de retomar a questão da linguagem técnica (já vista em relação ao episódio do balde de cimento) para analisar o comentário abaixo, sobre a sopa que Lorenzo dava a Levi, que – por sua vez – a repartia com seu amigo Alberto. Nas palavras do narrador:

Sem ela, não teríamos conseguido sobreviver até a evacuação do Lager [Campo]: no fim das contas, aquele litro extra de sopa serviu para completar a balança das calorias diárias. A ração do Lager nos proporcionava cerca de mil e seiscentas calorias, que não bastavam para viver naquele regime de trabalho. A sopa a mais nos fornecia outras quatrocentas ou quinhentas, ainda insuficientes para um homem de compleição média, mas Alberto e eu já éramos magros e franzinos por natureza, e nossa necessidade era menor (LEVI, p. 389).

A desumanização dos detentos é patente. Eles são alimentados com ração, palavra comumente empregada em referência a alimento próprio para animais. Além disso, a quantidade é insuficiente para suportarem a carga de trabalho. Não obstante, o narrador é capaz de fazer um cálculo nutricional para equacionar a razão de sua sobrevivência, o que a reduz à simplicidade de uma operação matemática: a ração do Lager somada ao litro extra de sopa é igual à suportabilidade do regime de trabalho forçado.

Importa sublinhar o conteúdo da sopa: "Era uma sopa estranha. Nela encontrávamos caroços de ameixa, cascas de salame, às vezes até uma asa de passarinho com todas as penas ou um pedaço de jornal italiano." (LEVI, p. 289). Levi se refere a este alimento impróprio com distanciamento crítico, valendo-se de uma linguagem que atende à norma padrão exigida em textos técnicos. A opção por tal procedimento estético não diminuiria a violência intolerável da *Shoah*?

É certo que Levi – na página 388 – reconhece não se lembrar quem foi transferido, após seis meses de trabalho em conjunto, para outro ponto das obras, se foi ele ou Lorenzo. Afirma também que "no ambiente violento e abjeto de Auschwitz, um homem que ajudasse outros homens por puro altruísmo era algo incompreensível, estranho" (LEVI, 2005, p. 390). No entanto, tais momentos de dúvida e incompreensão são exceções nesta narrativa.

A sensação de estranhamento perante o humanismo de Lorenzo é oportuna para convocar o sinistro freudiano (FREUD, 1981) e aprofundar os questionamentos a respeito da forma deste conto. O trauma deixado por Auschwitz em seus sobreviventes é um fenômeno que pode ser associado à emergência do sinistro na literatura, na medida em que tal sensação é uma consequência da dificuldade de se lidar com os mortos. Uma prosa cujo efeito sinistro é marcante, como em "Os sobreviventes", de Caio Fernando Abreu, por exemplo, revela a impossibilidade de apreensão total da realidade através de uma escrita fragmentada e descontínua. Não é isso o que ocorre em "O retorno de Lorenzo", apesar de Levi reconhecer a ambiguidade típica do estranho/familiar no comportamento de Lorenzo. A sensação do sinistro não predomina neste conto. O serviço de alvenaria e tudo o mais são descritos com bastante familiaridade. O lado estranho das coisas é muito sutil e está restrito ao conteúdo da sopa e ao humanismo de Lorenzo.

### 3 Uma surpreendente lição de moral

Talvez isso se deva ao fato de os livros de Levi serem um esforço de compreensão e julgamento da *Shoah*, com uma recusa intransigente do maniqueísmo, como observou Todorov (1995). Tal esforço pode ser demasiadamente autodestrutivo, pois tentar entender o algoz pode levar a vítima a justificar sua própria aniquilação. O entendimento do nazismo ainda pode acarretar sua conceituação, classificação e catalogação; o que implicaria em tornar familiar aquilo que era traumático e, portanto, da ordem do incompreensível, do inenarrável.

Todavia, Levi nos conta que o amigo "não ajudara só a [ele]. Tinha outros protegidos, não só italianos, mas não achara justo [lhe] dizer isso: *no mundo se está para fazer o bem, não para vangloriar-se*" (LEVI, 2005, p. 392-3, grifo nosso). De uma forma ou de outra, recorrendo predominantemente à linguagem referencial e vez ou outra, de modo sutil, ao sinistro, a experiência mais aniquiladora convergiu surpreendentemente para um ensinamento moral.

#### Conclusão

Cumprir enfatizar que ambos os personagens dessa história agiram sob ameaça de morte o tempo todo: "a Gestapo tinha olhos onipresentes" (LEVI, p. 388) e se o estratagema da sopa extra e clandestina fosse descoberto, as punições poderiam ser fatais. Como diria Todorov: "As atrocidades do passado não são esquecidas, mas formam agora a matéria de uma *reflexão comunicável*" (TODOROV, 1995, p. 286). Talvez isto signifique que este narrador tenha conseguido reelaborar a pobreza de experiência que Auschwitz lhe legou e transformar sua vivência estéril numa narrativa próxima das antigas histórias contadas de boca em boca e carregadas de valor moral. Se – apesar da linguagem referencial e "tecnicista" – podemos aprender algo com esta narrativa que nos ajude a não repetir Auschwitz, creio que descrever Primo Levi como um narrador, ao invés de afastá-lo de nós, sugere uma espécie de renascimento da narrativa tradicional numa época pós-catástrofe.

-----

\* **Roberto Círio Nogueira** é doutorando em Literatura Brasileira na USP, sob a orientação do Prof. Dr. Jaime Ginzburg, e bolsista do CNPq.

#### Referências

- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. Tradução e apresentação Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. (Coleção Espírito Crítico)
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, vol. 1)
- BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. In: TIEDEMANN, R. e SCHWEPPENHÄUSER, H. (Org.). Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 7 vols., 1972. (vol. 2)
- CYTRYNOWICZ, Roney. Auschwitz e o turismo da memória. In: REVISTA USP, Dossiê 50 anos de final de Segunda Guerra, n. 26, 1995, p. 148-153.
- FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III: 1916-1917): com os comentários de James Strachey; direção de Jayme Salomão* – Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 16)
- FREUD, Sigmund. Lo siniestro. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tomo III, 4ª ed. Trad. Luis Lopez Ballesteros y de Torre. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p. 2483-2505.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- LEVI, Primo. *71 contos*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Catástrofe, história e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória. In:\_\_\_\_\_ (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 387-414.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma: um novo paradigma. In:\_\_\_\_\_. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 63-80.
- WATT, Ian. O realismo e a forma romance. In:\_\_\_\_\_. *A ascensão do romance*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 11-33.
- TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Trad. Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránszky. Campinas – SP: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século)